



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

O PAPEL DA FAMÍLIA E DOS PARES EM TRAJETÓRIAS DE RISCO E CONFLITO: A PERSPETIVA DE JOVENS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Gabriela Correia da Silva da Cunha Freire

Porto, julho de 2020



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

O PAPEL DA FAMÍLIA E DOS PARES EM TRAJETÓRIAS DE RISCO E CONFLITO: A PERSPETIVA DE JOVENS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante -

Gabriela Correia da Silva da Cunha Freire

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Raquel Matos

Porto, julho de 2020

Agradecimentos

À Professora Raquel Matos, pelos conhecimentos transmitidos, críticas construtivas, reflexões e pelas palavras motivadoras e disponibilidade durante esta etapa tão importante.

Aos docentes da FEP-UCP, pelas aprendizagens e oportunidades proporcionadas ao longo do meu percurso académico.

À equipa do Projeto PROMISE e aos jovens que participam no estudo e partilharam as suas experiências.

Em especial, à minha família, por todo o apoio e motivação ao longo destes anos académicos. Obrigada, do fundo do coração, por terem estado sempre do meu lado e por todo o vosso amor incondicional.

Ao meu namorado, pelo apoio, paciência e amor em todos os momentos.

Às minhas amigas, por terem demonstrado o seu apoio durante o meu percurso.

À Marta, amiga e colega de curso, por todos os momentos que partilhamos juntas, desde a pressão dos trabalhos aos momentos de lazer. Obrigada pelo teu apoio, por todas as reflexões e por me teres acompanhado nesta caminhada.

Muito obrigada a todos!

Resumo

O presente artigo centra-se na compreensão dos significados dados pelos jovens com trajetórias de risco relativamente ao papel que a família e o grupo de pares exercem sobre as suas trajetórias. Partindo da preocupação da Criminologia Desenvolvimental em abordar fatores potenciadores e inibidores presentes no papel dos dois principais agentes de socialização, neste estudo a abordagem a esses fatores assenta nas perspetivas dos jovens. A amostra do estudo é constituída por 26 jovens, 17 rapazes e 9 raparigas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Na sequência da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas aos jovens, concluímos que os fatores mais destacados foram os relacionados com a família, tanto na inibição como na promoção de comportamentos desviantes.

Palavras-chaves: jovens; trajetórias; família; grupo de pares; fatores inibidores/potenciadores

Abstract

This article focuses on understanding the meanings given by young people with risk trajectories in relation to the role that the family and the peer group have on their trajectories. Based on the concern of Developmental Criminology to approach factors that enhance and inhibit the role of the two main agents of socialization, in this study the approach is based on the perspectives of young people. The study sample consists of 26 young people, 17 boys and 9 girls aged between 15 and 24 years. Following the analysis of semi-structured interviews conducted with young people, we concluded that the most prominent factors were those related to the family, both in inhibiting and promoting deviant behaviors.

Keywords: young people; trajectories; family; peers; inhibitory / enhancing factors

Introdução

O presente estudo enquadra-se no projeto de investigação PROMISE¹ – Promover o envolvimento e o compromisso social dos jovens: oportunidades e desafios para os jovens em conflito na Europa - cujo objetivo passou por compreender como é que as respostas dos jovens aos problemas podem, por um lado, potenciar conflitos e, por outro lado, originar oportunidades de envolvimento social positivo. O presente estudo visa procurar compreender, a partir da análise das entrevistas realizadas a jovens com trajetórias de risco/conflito, as perspetivas destes jovens relativamente ao papel da família e do grupo de pares nas suas trajetórias de risco e conflito.

No relacionamento interpessoal, os comportamentos considerados pró-sociais são constituídos por atos que envolvem o respeito, a solidariedade e a ajuda (Saud & Tonelloto, 2005). Por outro lado, os comportamentos designados como antissociais compreendem condutas que são marcadas por atos que não evidenciam o respeito pelo outro e pela sociedade, ou seja, são atos que não vão ao encontro das normas e regras sociais, não tendo, necessariamente, de constituir uma infração à lei, como no caso da delinquência (Dias, Monteiro & Farias, 2014). A delinquência juvenil, encarada como um problema da sociedade, é definida pela lei portuguesa como: “a prática por um indivíduo com idade compreendida entre 12 e 16 anos, de um ato qualificado pela lei como crime nos termos previstos pela Lei Tutelar Educativa” (Sistema de Segurança Interna, 2019). Apesar de encarada como um fenómeno preocupante em Portugal, a delinquência juvenil no país tem apresentado uma tendência de decréscimo, principalmente no ano de 2018 (Sistema de Segurança Interna, 2019).

O jovem com comportamentos antissociais e delinquentes tende a ser rotulado e estigmatizado, sendo por isso importante compreender os fatores associados à emergência desses comportamentos, assim como os fatores que estão presentes na sua inibição. Tanto os fatores inibidores e potenciadores podem envolver a família e o grupo de pares. Segundo Formiga, Aguiar e Omar (2008), os comportamentos antissociais estão relacionados não só com os traços de personalidade, mas também, são influenciados pela capacidade de organização advinda da socialização e interação com os pais e o grupo de pares.

¹ O projeto PROMISE (Promover o Envolvimento e o Compromisso Social dos Jovens: Oportunidades e desafios para os jovens ‘em conflito’ na Europa) recebeu financiamento do Programa Horizonte 2020 Investigação e Inovação da União Europeia, com o acordo de subvenção n.º 693221.

A compreensão do fenômeno contribuiu para a elaboração de medidas que combatam a prática de comportamentos antissociais e previnam a reincidência. Existem vários estudos sobre esta temática, no entanto, como pertinência teórica deste estudo, considero relevante procurar perceber a perspectiva dos jovens sendo importante compreender os significados dados pelos jovens às suas experiências.

Enquadramento teórico

A adolescência é uma fase importante no desenvolvimento humano, visto ser nesta fase que os jovens se adaptam ao meio tendo em conta a complexidade e a diversidade de situações (Morgado & Dias, 2016). Na adolescência, o indivíduo procura construir a sua identidade e autonomia e, muitas vezes, as suas atitudes não vão ao encontro dos valores inculcados pela família e pela sociedade, o que pode gerar o conflito. Como consequência, este conflito pode levar a atos que violem as normas (Le Blanc, 1999). O conceito de comportamento antissocial compreende isto mesmo, ou seja, atos relacionados com comportamentos de infração às normas e regras sociais estabelecidas. No entanto, nem todos os indivíduos que praticam este padrão de comportamento podem ser vistos como delinquentes visto o conceito de delinquência remeter a transgressões da lei, podendo conduzir a uma acusação e condenação pelo Sistema de Justiça (Carvalho, 2005).

Há jovens que vão ao encontro das regras e normas sociais, por outro lado, há jovens que se desviam das mesmas com a prática de comportamentos antissociais como roubo, furto, consumo de estupefacientes, violência, tráfico de drogas e/ou posse de armas (Bagwell *et al.*, 2001 citado por Pais, 2012). Desta forma, torna-se importante perceber quais os fatores que tendem, por um lado, a inibir e, por outro, a influenciar a prática deste tipo de comportamentos.

A Criminologia Desenvolvimental tem como principal foco a análise dos fatores de risco ou de proteção que interferem significativamente no desenvolvimento do indivíduo, de forma a compreender e a explicar as alterações do comportamento delinvente (Cullen, Benson & Makarios, 2012). Segundo Blokland e Nieuwbeerta (2010), esta disciplina incorpora “o estudo do desenvolvimento e dinâmica do comportamento antissocial e da criminalidade como associados à idade e procura identificar fatores causais que influenciam o curso desse desenvolvimento”. Quando o foco é nos adolescentes, a criminologia desenvolvimental incluiu outras formas de comportamento antissocial nas suas análises como o bullying ou agressões

verbais visto estes comportamentos poderem exercer influências nas trajetórias criminais (Blokland, & Nieuwbeerta, 2010).

Os fatores de risco, aplicados à delinquência, são os fatores que aumentam a probabilidade da prática de crimes ou de determinado padrão comportamental desviante. Os fatores de proteção são aqueles que diminuem a probabilidade de práticas antissociais ou promovem o desaparecimento das mesmas (Blokland, & Nieuwbeerta, 2010).

Uma das principais teorias da Criminologia Desenvolvimental é a de Terrie Moffitt (1993). Esta teoria propõe duas categorias de delinquência juvenil: a delinquência normativa limitada à adolescência e a delinquência não-normativa que se prolonga no curso da vida. Na primeira categoria de delinquência mencionada os fatores relacionados com esses infratores é a imaturidade e a influência que os pares exercem sobre eles. Na segunda, os fatores relacionados com esse tipo de infratores são, por exemplo, as práticas parentais desadequadas e a desorganização familiar. Recentemente, Moffitt (2018) na sua última revisão incluiu como fatores influenciadores para infratores com uma conduta persistente no curso de vida a fraca vinculação com a figura materna e a disciplina severa por parte dos pais.

Num estudo qualitativo de Sousa (2017), que tinha como objetivo recolher as perceções de jovens relativamente às suas trajetórias, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 14 jovens que apresentavam histórico grave de envolvimento com atos semelhantes a crimes e que se encontravam a cumprir Medida Tutelar Educativa. Nas entrevistas analisadas, os jovens mencionaram alguns fatores que tiveram influência nos seus percursos marcados por infrações, sendo estes: estatuto económico, contexto familiar, práticas de parentalidade, falta de suporte familiar, modelo de parentes criminosos ou presos, influência dos pares, características pessoais, entre outros.

O papel da família nas trajetórias de risco de jovens

A família é o primeiro contexto de socialização dos jovens, tendo as relações estabelecidas no seu âmbito uma grande influência nas condutas sociais futuras dos jovens (Feijó & Assis, 2004). Faz parte das funções da família supervisionar os filhos, chamar a atenção para o seu comportamento impulsivo ou irrefletido, punir as transgressões e mostrar qual o comportamento mais assertivo (Fonseca, 2002 citado por Santo, 2014). Nesse sentido, o

comportamento antissocial pode ser visto como uma consequência de défices no processo de socialização intrafamiliar da criança como por exemplo, a falta de controlo e supervisão por parte dos pais (Fonseca, 2002 citado por Santo, 2014). A família constitui, em muitos casos, um fator de risco para a vida de jovens em conflito com a lei (Nardi & Dell’Aglia, 2010), mas também pode constituir-se como um importante fator de proteção para os comportamentos antissociais (Feijó & Assis, 2004).

Segundo Fonseca e Simões (2002), algumas variáveis familiares relativas a aspetos estruturais e aspetos funcionais têm uma importância significativa quando queremos compreender os comportamentos antissociais nos jovens (Vaz, 2011). Algumas características das famílias de jovens que cometem infrações podem ser consideradas fatores de risco por diversas razões como a situação socioeconómica baixa, a supervisão desadequada devido a separação dos pais, a ausência da figura materna ou da figura paterna, mortes e saúde debilitada em familiares, violência no ambiente familiar, falta de comunicação e falta de imposição de regras (Assis & Constantino, 2005).

Segundo os autores Patterson, Reid e Dishion (1992), as práticas educativas parentais ineficazes são um grande preditor para o desenvolvimento do comportamento antissocial nos jovens e os autores Carvalho e Gomide (2005) afirmam que essas práticas permitem examinar a aquisição e a manutenção desses comportamentos (Nardi & Dell’Aglia, 2010). De acordo com Petit, Laird, Dodge, Bates e Criss (2001) as atitudes mais hostis, intrusivas e exigentes dos pais, a manipulação emocional e a repressão da comunicação do filho originam uma prática educativa negativa, desta forma, a ansiedade, a depressão e a delinquência tendem a ser altamente apresentadas nos jovens (Carvalho & Gomide, 2005). O evitamento na imposição de limites e o relaxamento face ao cumprimento de normas por parte dos pais, relativamente ao comportamento coercitivo dos jovens, designa-se como “disciplina relaxada” (Patterson *et al.*, 1992 citado por Carvalho & Gomide, 2005). Como consequência, há a possibilidade de os jovens assumirem que determinadas regras não são para serem cumpridas e apresentarem atitudes como desrespeito pelas figuras de autoridade e aprenderem como levar a deles avante através de manipulação emocional (Gomide, 2003 citado por Carvalho & Gomide, 2005). Caso as práticas educativas parentais sejam demasiado punitivas ou, pelo contrário, excessivamente permissivas, podem ter uma forte influência no aparecimento de comportamentos desviantes (Farrington, Loeber, & Ttofi, 2012 citado por Cunha, Soares, Veríssimo, & Matos, 2015). As práticas educativas negativas como a monitorização negativa assenta no controlo através da vigilância e fiscalização excessivas. A punição inconsistente caracteriza-se na falha do uso da

punição, estando relacionada com o estado de humor do punidor e não com o comportamento em causa (Gomide, 2003; 2004 citado por Carvalho & Gomide, 2005). Schrepferman e Snyder (2002) afirmam que no contexto familiar se as interações forem coercitivas, estas respostas são modeladas e tomam outras proporções pelos jovens nas suas interações sociais (Gallo & Williams, 2005).

Nijhof e colaboradores (2009) demonstram que a frequência com que ocorrem comportamentos violentos por parte dos jovens está relacionada com a frequência de episódios de vitimação na infância (Castro & Teodoro, 2014). A presença de violência desde cedo na vida do adolescente pode levar à distorção cognitiva, das emoções e dos comportamentos. Assim, a violência passa a ser vista pelos jovens como um meio de resolução de problemas (Jaffe, Wolfe, & Wilson, 1990 citado por Gallo & Williams, 2005). A presença de conflitos nas relações conjugais pode prejudicar o desenvolvimento da criança e do adolescente, tendo em conta, a existência de situações que põem em causa um bom ambiente familiar como agressões, submissão, ameaças, entre outras (Davies, Myers, Cumings, & Heindel, 1999 citado por Castro & Teodoro, 2014). Segundo Gomide (2004), os pais que negligenciam a educação dos filhos são meros espectadores e não os principais participantes como seria de esperar (Carvalho & Gomide, 2005).

Em muitos casos, a história de desenvolvimento dos jovens com comportamentos desviantes é marcada pela experiência de abandono por parte das figuras de vinculação. Desta forma, os jovens evitam relações de proximidade de maneira a evitar o sofrimento de outro possível abandono (Rijo, Brazão, Silva, & Vagos, 2017).

Alguns estudos mostram que os comportamentos delinquentes são mais frequentes em jovens que tenham familiares em conflito com a lei (Ozen *et al.*, 2005 citado por Castro & Teodoro, 2014). Segundo a teoria da aprendizagem social de Bandura (1973), os valores e os comportamentos agressivos dos adultos ou figuras de autoridade tendem a ser seguidos e repetidos pelos mais jovens. Tanto as crianças como os jovens agressivos tendem a usar respostas aversivas para lidarem com os conflitos da mesma forma que experienciam os pais a fazê-lo (Gallo & Williams, 2005).

As práticas educativas de monitorização positiva e do comportamento moral são formas de educar que tendem a desenvolver comportamentos pró-sociais nos jovens (Gomide, 2003; 2004 citado por Carvalho & Gomide, 2005). Como fator de proteção, os autores Masten e

Garnezy (1985) destacaram a coesão familiar, nomeadamente, a relação de afeto, preocupação e comunicação (Nardi & Dell’Aglia, 2010). Frydenberg (2008) refere que a comunicação positiva e afetiva entre a família e o jovem, o apoio, a minimização de conflitos, a possibilidade de discussão de assuntos e desenvolver a cooperação e a confiança entre pais e filho são fatores importantes na prevenção da delinquência. Hirshi (1964), segundo a Teoria do Controlo, valoriza o vínculo entre pais e filhos, afirmando que um controlo parental adequado e eficaz permite que a criança se integre socialmente afastando-se, assim, deste padrão de comportamento (Fernandes, 2012).

A ausência de figuras representativas na família e de vínculos familiares são a realidade de muitos dos jovens em conflito com a lei (Costa & Assis, 2006). Estes fatores não garantem nem previnem a delinquência, no entanto, há uma maior probabilidade do aparecimento de comportamentos delinquentes ou, pelo contrário, a sua inibição. Assim, tendo em conta os fatores de risco e de proteção mencionados, torna-se evidente que as interações familiares e as estratégias utilizadas pelos pais, podem reforçar ou inibir o surgimento de tais comportamentos nos filhos.

É importante ter em conta que a prática de comportamentos desviantes nem sempre está associada ao mau funcionamento do sistema familiar, visto haver jovens com este tipo de comportamentos pertencentes a famílias que não apresentam os fatores de risco descritos, da mesma forma que há jovens que não desenvolvem estes comportamentos e têm famílias disfuncionais. Posto isto, é relevante explorar fatores de outros contextos de socialização dos jovens, com destaque para o grupo de pares.

O papel do grupo de pares nas trajetórias de risco de jovens

Estabelecer amizades e ser aceite pelo grupo de pares são processos que cumprem uma importante função na vida dos jovens, sendo vistos como formas de promoção da saúde socioemocional (Maggs & Hurrelmann, 1998 citado por Costa, 2011). Segundo Bynum e Thompson (2010), a socialização é um processo que permite a aquisição de normas, valores e comportamentos. Os pais e o grupo de pares são as principais referências dos jovens podendo estes exercer, assim, uma influência determinante na adoção de comportamentos desviantes por parte dos jovens (Paula, 2016).

Segundo Patterson e colaboradores (2000), a falha na gestão dos comportamentos de oposição com práticas parentais disfuncionais, leva ao aumento de interações coercitivas entre os pais e as crianças. Desta forma, se os comportamentos de oposição se mantiverem, quando a criança entrar na escola, este tipo de comportamento poderá, também, ser manifestado neste novo contexto, o que leva a que a criança seja rejeitada pelos pares pró-sociais que, por sua vez, facilita a sua associação com pares desviantes (Simões, 2005). Thames e Vaisman-Tzachor (2009) referem que os jovens se tornam mais vulneráveis à influência de determinado grupo de pares e acabam por ser conduzidos a procurar pares com quem se identifiquem e possam, assim, criar uma ligação próxima (Costa, 2011).

Os jovens, na fase da adolescência, passam uma parte significativa do tempo com o grupo de pares e, como consequência, menos tempo com os pais, o que pode potenciar o aumento dos comportamentos antissociais em conjunto com o grupo (Sampaio, 2010). Dessa forma, Emler (1984) explica que os jovens procuram obter determinada reputação no grupo de pares a que pertencem visto ser o tipo de reputação aceite pelo mesmo (Casaca, 2009). Segundo Simões (2007), quando o jovem é aceite por um grupo considera-se que este possui características pessoais que são consistentes com as do restante grupo. Desta forma, para garantir a permanência no grupo de pares é necessário o cumprimento de determinadas condutas. Depois de o jovem ser integrado no grupo, tende a perceber-lo como fonte de suporte, confiança e autonomia (Vaz, 2011). Hirschi (1969), na Teoria do Controlo Social, explica que os jovens tendo como referência o grupo de pares, e se o envolvimento for com pares desviantes, o grupo pode influenciá-los para a prática de comportamentos desviantes (Gomes, 2016).

Hartup (1983) refere que, em muitos casos, os jovens associam-se a um grupo de pares considerado de risco porque se veem obrigados a fazê-lo devido à rejeição constante por parte de outros grupos (Casaca, 2009). No entanto, segundo Coie, Terry, Lenox e Lochman (1995), há estudos que suportam a perspectiva de que as crianças e os jovens agressivos são rejeitadas pelos grupos de pares pró-sociais (Henry, 2000). Isto quer dizer que, por um lado, há jovens que são rejeitados e se tornam agressivos devido à rejeição, por outro lado, há jovens que são rejeitados por serem agressivos para com os outros.

A revisão de literatura relativamente aos fatores de proteção de grupo de pares é escassa, sendo dada ênfase, principalmente, à qualidade das amizades com grupos de pares que adotam comportamentos mais normativos. Num estudo de Gina Tomé (2011), concluiu-se que as

amizades que assentem em dinâmicas relacionais positivas, como o suporte, podem ter uma influência positiva nos jovens, sendo que o grupo de pares tem mais comportamentos pró-sociais (Ferreira, 2014). Segundo a Teoria da Aprendizagem Social, os pares são agentes de socialização que, a partir do reforço e modelagem, exercem uma influência significativa nos comportamentos do seu grupo de pares, uma vez que, inibem o comportamento não-normativo e reforçam positivamente o comportamento que vai de encontro às normas e regras sociais (Rubin, Bukowski, & Parker, 2006 citado por Gomes, 2016).

Metodologia

Neste estudo, a abordagem metodológica é qualitativa no sentido de dar resposta ao objetivo central de compreender as perspetivas dos jovens sobre o papel da família e do grupo de pares nas suas trajetórias de risco e conflito. Em particular, pretende-se compreender a perspetiva dos jovens sobre o papel da família e do grupo de pares quer na promoção quer na dos seus comportamentos desviantes.

Os investigadores da equipa do Projeto PROMISE recolheram dados utilizando diversas estratégias e instrumentos (Matos *et al.*, 2018). Este estudo tem por base os dados obtidos através da realização de entrevistas em profundidade aos jovens.

Amostra

A amostra é constituída por 26 jovens, 17 rapazes e 9 raparigas. Os jovens tinham idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, sendo que 6 tinham menos de 18 anos e os outros 20 tinham mais de 18 anos. Os participantes para o estudo tinham de ser jovens que apresentassem caminhos de conflito e inconformidade com instituições normativas (na escola, como situações de abandono escolar).

O projeto foi apresentado aos jovens que estavam a servir medidas tutelares educativas na época de forma a que participassem nas entrevistas individuais voluntariamente. Neste seguimento, os 6 jovens que participaram no estudo com menos de 18 anos foram recrutados a partir da Equipa de Justiça Juvenil. Foram, ainda, convidados dois projetos diferentes de educação de segunda oportunidade (ESO) no Norte de Portugal para colaborar no projeto PROMISE. Estes projetos visam oferecer uma qualificação de educação para jovens que não

foram bem-sucedidos na escola ou na formação profissional. Ambos os projetos aceitaram participar no projeto PROMISE e foi possível entrevistar os outros 20 jovens individualmente.

Instrumentos

Através de um questionário sociodemográfico foi assegurada a caracterização dos participantes. O questionário incluía a idade, o género, a escolaridade, a situação profissional, a zona residencial, a situação familiar e a etnicidade. Os instrumentos utilizados pela equipa de investigação foram observação participante, foto-elicitação, entrevistas semiestruturadas e discussões em grupo.

Os participantes do estudo foram entrevistados pela equipa do projeto PROMISE, tendo sido desenvolvido um guião de entrevista semiestruturada. As entrevistas tinham como objetivo explorar as ideias dos jovens relativamente aos locais e os efeitos do conflito/estigmatização que os jovens enfrentam, assim como, as suas próprias experiências. Estas procuraram, também, explorar as maneiras como os jovens respondem aos conflitos assim como, as próprias respostas dos jovens entrevistados aos conflitos. Por fim, foram abordadas as mudanças tanto pessoais como sociais advindas das respostas dadas pelos jovens aos conflitos e as maneiras pelas quais essas mudanças podiam ser transferidas para outros jovens.

Procedimentos

Os procedimentos de recolha e análise de dados foram planeados no sentido de assegurar o cumprimento de todas as normas éticas, nomeadamente através do consentimento informado, e da confidencialidade dos dados e anonimato dos participantes. Este planeamento foi submetido à consideração e aprovado por uma comissão de ética para a investigação da Universidade Católica Portuguesa.

Os dados foram recolhidos ao longo de 7 meses. Os jovens recrutados pela Equipa de Justiça Juvenil foram entrevistados em diferentes momentos e diferentes locais públicos à sua escolha. As entrevistas aos jovens recrutados nos dois projetos foram realizadas nas instalações dos próprios projetos, tendo sido disponibilizada uma sala privada. As entrevistas foram gravadas em voz e depois transcritas.

Todas as entrevistas foram transcritas de forma íntegra, anonimizadas e categorizadas com recurso ao software Nvivo11. As entrevistas foram codificadas em 26 categorias de dois

níveis, que foram fornecidos pela equipa de coordenação do projeto PROMISE e discutidos em todo o consórcio. Para o presente estudo, analisei todo o conteúdo integrado previamente nas categorias relativas à família e ao grupo de pares, tendo elaborado as minhas próprias categorias de acordo com os objetivos do estudo.

Apresentação dos resultados

Nesta secção serão apresentados os resultados da análise das entrevistas, através da descrição das categorias e subcategorias construídas para responder aos objetivos do estudo. As categorias vão ser descritas, ilustrando com alguns excertos das entrevistas. Para cada categoria será também indicado o número de jovens e de referências (e.g., 19 jovens; 47 ref.). Na descrição de categorias, o texto será sublinhado sempre que se pretender destacar as principais ideias referidas pelos jovens.

1. Papel da família e do grupo de pares na inibição de comportamentos desviantes

Esta categoria contempla todos os fatores no seio familiar e no grupo de pares que, de alguma forma, tiveram impacto nas trajetórias dos jovens para a mudarem as suas trajetórias, inibindo a prática de comportamentos desviantes.

1.1. Suporte da família (15 jovens; 30 ref.)

Relativamente à família como fonte de suporte, os jovens descreveram o apoio genérico que lhes foi dado por parte da família em momentos importantes da sua vida, e referiram também dinâmicas relacionais positivas importantes para não se envolverem em comportamentos desviantes.

1.1.1. Apoio da família em momentos difíceis (12 jovens; 18 ref.)

Os jovens valorizaram o apoio da família nos momentos difíceis da sua trajetória, descrevendo a família nuclear como fonte de apoio: “*Eu gosto de fato de ter a ajuda da minha mãe para tudo, o apoio dela para tudo. Tenho alguma liberdade, mas também porque a minha mãe confia em mim e isso é bom.*” (Luísa); e a família alargada como, também, sendo um apoio importante para eles: “*Falo com o meu primo de Lisboa, mando mensagem todos os dias e falamos todos os dias e ele apoia-me bastante.*” (Edgar). Os jovens referiram ter o apoio da

família quando cometem erros e até mesmo nas idas ao tribunal: “*Os meus pais. Depois de tudo o que eu fiz estão comigo, estão-me a apoiar, ajudam-me. Se fossem outros pais, e se não se tivessem preocupado, não tinham vindo comigo a tribunal e à policia.*” (Sílvio).

1.1.2. Dinâmicas relacionais positivas na família (8 jovens; 12 ref.)

Quanto às dinâmicas relacionais positivas, os jovens destacaram a importância de os familiares comunicarem positivamente com eles: “*O meu pai até pode estar aqui assim duas três horas a falar comigo.*” (Andreia); a confiança que é depositada neles: “*Tenho alguma liberdade, mas também porque a minha mãe confia em mim e isso é bom.*” (Luísa); e a segurança transmitida através da relação com familiares: “*Animamo-nos muito uns aos outros e estamos reunidos várias vezes e acho que isso é bom, transmite um bocado de segurança ter uma família assim.*” (Luísa).

1.2. Suporte dos amigos/pares (11 jovens; 17 ref.)

Relativamente aos pares como fonte de suporte, os jovens valorizaram o apoio prestado por alguns amigos nos momentos difíceis e referiram ainda a importância da valorização por parte dos amigos.

1.2.1. Suporte dos amigos com comportamentos normativos (5 jovens; 6 ref.)

Os jovens destacaram a relevância do suporte que lhes é dado por amigos com comportamentos normativos. Esses amigos podem ser de infância: “*Tenho o meu melhor amigo que é uma pessoa que já me dou há anos, desde a infância. Acompanhamos a escola até ao 7º ano, agora não porque pronto... depois desencontramo-nos, mudamos de escolas etc, mas tou todos os fins-de-semana. Um segundo melhor amigo, vá, que é uma pessoa que eu estou todos os dias à noite e ao fim-de-semana também. Tou todos os dias, pronto, tem-me ajudado também bastante. E ainda por cima é uma pessoa mais velha do que eu... vai-me ajudando muito.*” (José), incluindo aqueles que, na altura, os jovens viam como “tonos”: “*Quem me ajudou mais? Se calhar as pessoas que eu dei menos valor na altura. As pessoas com quem eu dizia que tipo, eram os tónos.*” (Marco); ou então mais recentes, como os amigos do Projeto onde estão integrados: “*Eu falo pelos meus amigos que eu tenho, muita gente gostava de ter os amigos que eu tenho. Não fazem nada, não vendem droga, não fazem asneiras. Não fazem nada de nada. Tem a escola. Estamos lá no nosso sítio onde nós paramos sempre e não fazemos nada de mais. E dantes eu não parava com estes amigos meus.*” (Francisco).

1.2.2. Apoio/valorização por parte dos amigos (7 jovens; 11 ref.)

Os jovens sublinharam a importância de serem valorizados pelos amigos, para se valorizarem a si próprios: “*E a Elisa e o Óscar foram amigos que eu fui desenvolvendo aqui no Projeto e prontos... mostraram bastante confiança e ajudam-me e tudo, tal como eu ajudo a eles.*” (Edgar); “*Dão-me mais para a frente, e a mim isso, sobe-me a autoestima, não é? E faz-me ver melhor a mim mesmo. Tás a conseguir, tens pessoas que te querem bem, já tens algo para te pegares a ti mesmo e seguir para a frente. Tipo.*” (José).

1.3. Supervisão/orientação familiar (6 jovens; 8 ref.)

Nesta categoria, os jovens mencionaram a importância da supervisão e orientação por parte dos familiares para que, por vezes, não optassem por condutas desviantes: “*Mas tive a sorte de ter uma irmã que pusesse pulso em mim. Muitos não tiveram pulso e estão onde estão, ou presos, ou em colégios, ou instituições, e sem sítio para estar. E eu tive a sorte da minha irmã chegar à minha eira e ‘ó, e quê, queres ser como eles, não sei quê?, queres ir preso?, queres ir para um colégio interno?, então vê se metes tininho na cabeça que senão não vais a lado nenhum. Homem que é homem não faz essas tangas, não sei quê’.*” (Nelson); e mencionaram ainda a supervisão dos próprios jovens a familiares mais novos: “*Tenho dois irmãos, tenho de cuidar deles e assim.*” (Edgar).

1.4. Supervisão/orientação por parte dos amigos (5 jovens; 5 ref.)

Os jovens mencionaram ainda que a supervisão por parte dos amigos levou a que mudassem positivamente as suas trajetórias: “*Mas também já tive amigos que me tentaram tirar das asneiras.*” (Xavier).

1.5. Modelo a seguir (2 jovens; 2 ref.)

Os jovens destacaram a família nuclear e alargada como sendo um exemplo para mudarem as suas trajetórias no sentido de cessar os comportamentos desviantes: “*Tive um tio que foi para lá e mudou a sua vida e eu gostava de ter uma vida como à dele. E mudou muito porque foi trabalhar para fora, porque ele aqui não era nada. E foi trabalhar arranjou uma família, casou e dantes nem dinheiro para mandar cantar um cego tinha. E foi uma inspiração, foi mesmo a minha inspiração.*” (Francisco).

1.6. Ser modelo (2 jovens; 3 ref.)

Os jovens referiram ainda que sentem que eles próprios são modelos para outros familiares, nomeadamente para os irmãos mais novos, que seguem o seu exemplo, seja adequado ou não: *“É uma fotocópia minha praticamente. Tudo o que eu faço ele quer fazer e por isso é sempre bom dar um bom exemplo para ele na escola e etc. Prontos, quando são mais jovens gostam sempre de imitar os mais velhos. Então talvez se eu seguisse um bom caminho ele quererá tentar fazer igual.”* (Edgar). Sobre o argumento de ser modelo para outros, um jovem explicou como as suas experiências passadas de comportamentos desviantes o incentivam a proporcionar experiências diferentes e positivas ao próprio filho: *“Eu cresci sem o meu pai e foi uma coisa que me tocou e não queria mesmo que acontecesse o mesmo ao meu filho.”* (Francisco).

2. Papel da família e do grupo de pares na promoção de comportamentos desviantes

Esta categoria contempla todos os fatores do contexto familiar e do grupo de pares que, na perspetiva dos jovens, de alguma forma os influenciaram para a prática de comportamentos desviantes.

2.1. Acontecimentos familiares significativos (7 jovens; 12 ref.)

Os jovens relataram experiências que consideram terem marcado negativamente o seu percurso e desenvolvimento. De entre essas experiências, destacaram a morte de familiares próximos: *“Se calhar foi devido à minha avó morrer porque eu hoje reconheço porque é assim eu vivi com a minha avó até aos 12 anos, foi a minha avó que me criou, basicamente a minha avó era a minha mãe”* (Andreia). Destacaram ainda o abandono por parte de familiares, e o impacto negativo que teve no seu bem-estar psicológico e no seu comportamento: *“Nós nunca tivemos assim muita ligação, ele abandonou-me quando eu era pequenina, então andei em psicólogos...”* (Telma). Finalmente, descreveram o divórcio dos pais como um momento complicado e que os afetou numa determinada etapa das suas vidas: *“Pronto, e depois, a separação dos meus pais foi o que mais me magoou.”* (Júlia).

2.2. Conflitos, Violência e Instabilidade (11 jovens; 17 ref.)

Também como fatores relevantes para a promoção de comportamentos desviantes, os jovens relataram conflitos, violência e instabilidade que vivenciaram sobretudo no contexto familiar.

2.2.1. Problemas genéricos no contexto familiar (6 jovens; 7 ref.)

Os jovens destacam os problemas vividos em casa como os piores que qualquer jovem pode ter, na medida em que causam mal-estar conduzem a distanciamento em relação à família: *“Não sei, acho que piores problemas que se pode ter é problemas em casa, eu acho. Porque com amigos também afeta, sim, mas não tanto, problemas com a família é muito pior, porque amigos temos mais e família só temos mesmo aquela. E eu acho que principalmente é isso, é problemas em família e assim, com pais principalmente.”* (Luísa).

2.2.2. Violência no seio familiar (3 jovens; 3 ref.)

Descreveram também experiências de violência direta *“Eles bateram-me, a minha mãe mandava vir comigo, o meu pai, a minha avó, a minha família, não aprendi com eles a mandar vir.”* (Francisco); e indireta: *“Se calhar em casa tens a mãe e o pai à porrada, chegas aqui, vais levar aquele carinho que não recebeste em casa da tua mãe”* (Marco).

2.2.3. Famíliares com comportamentos desviantes/em conflito com a lei (4 jovens; 5 ref.)

Os jovens relataram as emoções negativas que experienciaram quando os pais foram presos: *“Ele, prontos, foi preso. É uma infelicidade, é um desgosto.”* (Francisco); ou quando tiveram de lidar com familiares toxicodependentes. Um jovem referiu mesmo ter assistido a consumos de estupefacientes por parte da mãe: *“A minha mãe foi toxicodependente. E ... ela já se drogou à minha frente.”* (Edgar).

2.2.4. Violência/conflitos em relações de intimidade (2 jovens; 2 ref.)

Dois jovens referiram ter vivido experiências de violência e conflito nas suas relações de intimidade, destacando as mesmas como problemas significativos nas suas vidas: *“E ãh ... como é que eu hei de lhe explicar ele também me influenciava a sair um bocadinho percebe? E também tinha muitos problemas com ele porque ele batia-me e tudo entende?”* (Andreia).

2.3. Falta de supervisão parental (7 jovens; 8 ref.)

Os jovens referiram tanto as suas experiências pessoais como algumas dos seus pares relativamente à liberdade que é dada pelos pais sendo que estes não prestam a atenção adequada aos filhos: *“a minha mãe estava-se a cagar para mim, então eu ia para a rua e ela não queria saber a que horas eu chegava a casa, quando eu morava com ela.”* (Edgar); e que não têm controlo sobre a vida dos mesmos: *“Por exemplo, hoje em dia eu vejo muitos jovens que tipo*

saem de casa sem dizer nada à mãe, ou que muitas vezes a mãe ou o pai ou wathever até confiam nos jovens, neste caso, e depois eles saem de casa e vão tipo fumar, vão beber, vão fazer outras coisas que os pais não sabem e como muitas vezes tendem a defender os filhos, mas que não conhecem os filhos que têm, e isso acho que transmite um bocado a realidade dos pais hoje em dia, porque acaba também por ser um bocado culpa dos pais, porque hoje em dia já não é o que era antes.” (Luísa).

2.4. Falta de suporte parental (7 jovens; 9 ref.)

Relativamente à falta de suporte parental e seu impacto nos comportamentos desviantes, os jovens destacaram sobretudo a falta de afeto, apoio e comunicação adequados por parte dos pais para garantir o seu bem-estar: *“Não terem uns pais que lhes agarrem, que lhe deem carinho ... que num conseguem dizer não. Eu tou a falar por mim.” (Hélder).*

2.5. Influência de pares com comportamentos desviantes (9 jovens; 16 ref.)

Os jovens referem-se aos pares que consideram serem ‘más companhias’ por exibirem comportamentos desviantes e levarem a que eles próprios seguissem o mesmo padrão comportamental: *“E eu juntei-me a outras pessoas, comecei a ir para outros lados, conhecer pessoas diferentes, a ganhar hábitos diferentes. Como eu hoje de manhã acordei a pensar tenho fome. Eu dantes acordava a pensar tenho que ir roubar.” (Francisco).* Alguns jovens aprofundam este argumento, referindo que parte do problema reside no facto de eles tenderem a ser facilmente influenciáveis: *“Não sei, eu era muito influenciável, e isso não me ajudou nada, eu fazia muito o que eles faziam e prejudicou-me muito, mesmo.” (Luísa).*

2.6. Procura de aceitação/integração no grupo (4 jovens; 4 ref.)

Finalmente, os jovens explicaram como por vezes os comportamentos desviantes surgem associados a fenómenos de grupo. Uma jovem referiu que a prática de comportamentos desviantes se deveu à vontade integrar um grupo que ele via como sendo “fixe”: *“No sétimo foi porque eu fui pra uma escola secundária e fiquei numa turma do curso de secretariado e eles eram uau é muito fixe e eu era e Jesus eu tinha um grupo muito fixe, eles são muito sociáveis aqui da escola então eu vou fazer tudo que eles fazem” (Roberta).* Outra jovem mencionou o receio de ser gozada pelo grupo de pares caso não praticasse os mesmos atos: *“e também porque são influenciados porque se tiver um grupo imagine nós tamos aqui muitas pessoas, vocês tão todos a fazer uma coisa, se eu não fizer vou ser gozada” (Andreia).* Finalmente, dois jovens destacaram que os comportamentos desviantes podem resultar da procura de apoio e segurança

num determinado grupo de pares: *“também temos aquela cena de nos sentirmos seguros e estarmos ali rodeados de 20, 30 amigos é aquela coisa de ter as costas quentes e etc.”* (Edgar); *“A família já não importa, eles criam família na rua hoje em dia, vamos chegar ao ponto que vai virar brasil, não é. Só falta.”* (Marco).

Discussão dos resultados

Esta secção destina-se à discussão dos resultados, tendo por base as categorias emergentes da análise, anteriormente descritas, e a literatura existente sobre os fatores inibidores e potenciadores de comportamentos desviantes. Apesar de ter dado início ao estudo com dois objetivos específicos, à medida que a análise foi decorrendo surgiram outras questões de investigação pertinentes. Dessa forma, a discussão dos resultados vai ser organizada em torno de quatro questões de investigação: Qual a importância da família na inibição e na promoção de comportamentos desviantes?; Qual a importância do grupo de pares na inibição e na promoção de comportamentos desviantes?; Quais são os processos mais destacados pelos jovens quando relacionam a família e o grupo de pares às suas trajetórias de risco?; Que fatores - contextuais ou individuais – mais destacam os jovens quando relacionam a família e o grupo de pares às suas trajetórias de risco?

1. Qual a importância da família na inibição e na promoção de comportamentos desviantes?

De acordo com os resultados obtidos, os fatores familiares foram os mais referidos pelos jovens, comparativamente com os fatores relacionados com os pares. Analisando as referências dos jovens, 16 destacaram a família na promoção de comportamentos desviantes e também 16 referiram a família na inibição de comportamentos desviantes. De todas as categorias, destacaram-se como mais densas e representativas dos discursos de mais jovens, aquelas que incidem no suporte familiar como inibidor de comportamentos desviantes, seguindo-se as categorias que dizem respeito à supervisão e orientação familiar e aos fatores contextuais da família, nomeadamente os acontecimentos familiares significativos e os conflitos, violência e instabilidade, como potenciadores de comportamentos desviantes.

Relativamente ao papel da família na inibição de comportamentos, os jovens destacaram, como anteriormente referido, o suporte familiar. Frydenberg (2008) menciona

fatores como o apoio, a possibilidade de discussão de assuntos, a confiança e a comunicação como fatores preventivos para comportamentos desviantes. Os jovens valorizaram estes mesmos fatores ao longo das suas entrevistas, enfatizando o apoio prestado pela família nuclear e alargada mesmo nos momentos mais difíceis. A supervisão familiar foi, também, bastante mencionada pelos jovens, tendo sido destacada a supervisão e orientação que receberam por parte da família nuclear, valorizando a ordem que lhes era imposta e todos os alertas que receberam de forma a mudarem as suas trajetórias. Estes resultados corroboram diversos contributos da literatura, como a teoria clássica do controlo, de Hirshi (1964), segundo a qual um controlo adequado e eficaz por parte da família permite que a criança se mantenha afastada de um padrão comportamental desviante (Fernandes, 2012).

Quanto aos fatores contextuais da família, nomeadamente os acontecimentos familiares significativos e os conflitos, violência e instabilidade, Assis e Constantino (2005) mencionam algumas características das famílias como fatores potenciadores para comportamentos desviantes como a ausência da figura materna ou paterna, morte de familiar, violência no ambiente familiar e a supervisão desadequada devido à separação dos pais. Ainda, segundo Nijhof e colaboradores (2009), os episódios de violência na infância são refletidos nos comportamentos violentos por parte dos jovens (Castro & Teodoro, 2014). Nas entrevistas, os jovens partilharam a tristeza e a revolta que sentiram quando passaram por experiências como o abandono por parte da figura paterna, a morte de familiares, o divórcio dos pais, a violência direta e indireta no seio familiar ou comportamentos desviantes por parte de familiares. Estes acontecimentos marcaram negativamente o seu desenvolvimento, uma vez que se refletiram na falta de supervisão e de suporte familiar. Consequentemente, a falta de imposição de regras, os défices no processo de socialização intrafamiliar, como a falta de controlo, funcionaram como fatores que podem promover comportamentos desviantes, tal como é descrito na literatura (e.g., Assis & Constantino, 2005; Fonseca, 2002 citado por Santo, 2014).

2. Qual a importância do grupo de pares na inibição e na promoção de comportamentos desviantes?

Apesar do menor número de referências comparativamente com as que dizem respeito à família, o grupo de pares é bastante destacado pelos jovens. Mas neste caso, ao contrário do que acontece para a família, há uma diferença considerável na associação que os jovens fazem dos pares à inibição ou à promoção de comportamentos desviantes. Efetivamente, os jovens

destacaram os pares muito mais como potenciadores de comportamentos desviantes do que como inibidores desses comportamentos.

Os jovens destacaram os pares como potenciadores de comportamentos desviantes, na medida em que valorizam a pertença e aceitação de determinado grupo e acabam por se envolver com companhias que apresentam comportamentos desviantes. Emler (1984) refere que os jovens procuram obter determinada reputação para se integrarem no grupo (Casaca, 2009). Dessa forma, segundo Simões (2007), para o jovem permanecer no grupo tem de garantir que pratica os mesmos atos consistentes com os do grupo (Vaz, 2011). Nos discursos dos jovens foi destacada a vontade de se integrarem em determinado grupo de pares e adquirirem os mesmos comportamentos de forma a não serem rejeitados. O grupo de pares foi também descrito como fonte de segurança e suporte, tendo sido mencionado que alguns jovens criam a família no seu grupo de amigos.

Apesar de ter sido menos salientado pelos jovens, eles referiram que os pares podem também ter um papel inibidor de comportamentos desviantes. Em concreto, associaram esse papel a amigos com comportamentos normativos, como alguns dos seus amigos de infância, e amigos mais recentes, incluindo os do projeto em que estão inseridos na sequência da sua trajetória de risco e conflito. Mencionaram a valorização por parte dos amigos, sentindo o grupo como uma fonte de suporte na vida deles, mesmo nos momentos mais vulneráveis. Quanto ao suporte por parte dos amigos, Simões (2007) refere que o jovem percebe o grupo de pares, no qual foi integrado, como fonte de suporte, confiança e autonomia (Vaz, 2011). Os jovens referiram ainda a relevância da orientação e da motivação por parte do grupo de pares para a mudança das suas trajetórias de risco, tendo sido referido que alguns amigos os ajudaram a permanecer na escola e a serem retirados das “asneiras”. Também estes dados vão ao encontro de teorias clássicas como a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, segundo a qual os pares têm um papel importante nos comportamentos do seu grupo, na medida em que reprovam o comportamento não normativo e aprovam o comportamento que vai ao encontro das normas e regras sociais (Rubin, Bukowski & Parker, 2006 citado por Gomes, 2016).

3. Quais são os processos mais destacados pelos jovens quando relacionam a família e o grupo de pares às suas trajetórias de risco?

Como referido anteriormente, o suporte e a supervisão foram processos mencionados pelos jovens, tanto relacionados com a família como com os pares, sendo que o suporte foi o

processo com mais destaque. No entanto, os modelos, de uma forma genérica, foram também muito mencionados pelos jovens tendo uma grande importância, na medida em que, determinados familiares e determinados grupos de pares serviram de exemplo a seguir, quer para inibir quer para promover comportamentos desviantes.

Alguns jovens destacaram comportamentos de familiares como servindo de exemplo para a sua vida futura, assim como referiram que experiências vividas por eles serviram de exemplo para familiares mais novos adotarem determinados comportamentos. Como é referido por Gomide (2003), as práticas educativas de monitorização positiva e do comportamento moral permitem o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (Carvalho & Gomide, 2005). Por outro lado, os jovens mencionaram experiências, consideradas negativas, com familiares em conflito com a lei ou com comportamentos desviantes, que acabam por ser um mau exemplo para os jovens, tendo estes referido que foram experiências difíceis de lidar transportando para uma vertente emocional mais negativa. Neste seguimento, segundo a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1973), os jovens tendem a repetir e a seguir os comportamentos agressivos dos pais (Gallo & Williams, 2005). A literatura mostra, ainda, que há uma maior probabilidade de os jovens adotarem comportamentos mais agressivos quando têm familiares que apresentam comportamentos desviantes (Ozen *et al.*, 2005 citado por Castro & Teodoro, 2014).

Para além da família, os pares podem, também, servir de exemplo a seguir, tendo sido um fator presente nos discursos dos jovens. Estes referiram o envolvimento com pares que apresentavam comportamentos desviantes e que, por esse motivo, adquiriram comportamentos semelhantes, muitas vezes em prol da aceitação e do sentimento de pertença ao grupo. Dessa forma, tal como argumenta Hirschi na Teoria do Controlo Social, o envolvimento com pares com comportamentos desviantes, pode levar os jovens a adquirir esse mesmo padrão comportamental. Embora com menos destaque, os jovens mencionaram também os pares como bons modelos, nomeadamente, os amigos do projeto em que estão inseridos, que os motivaram a integrar atividades positivas e, dessa forma, seguir um padrão comportamental mais normativo.

4. Que fatores - contextuais ou individuais – mais destacam os jovens quando relacionam a família e o grupo de pares às suas trajetórias de risco?

Nos discursos dos jovens foram destacados, maioritariamente, fatores contextuais relacionados com a família, mas também mencionaram fatores individuais, nomeadamente, o

serem influenciáveis. Como referido anteriormente, as experiências familiares consideradas significativas tiveram um grande impacto psicológico nos jovens. Os jovens tiveram em consideração algumas experiências, descrevendo como momentos difíceis de vivenciar e ultrapassar, por exemplo, o abandono e o divórcio dos pais, ou o facto de os pais terem sido presos. De acordo com os jovens, estes acontecimentos resultam na falta de suporte e de supervisão familiar, potenciando os comportamentos desviantes. Nesse sentido, os jovens destacaram experiências relativamente à liberdade que os jovens têm devido à falta de atenção e controlo por parte dos pais o que permite que adotem determinados comportamentos.

Relativamente aos fatores individuais, mesmo tendo sido menos destacados, os jovens referiram perspetivar-se como influenciáveis, confirmando a influência exercida pelos outros na prática de comportamentos desviantes. Segundo Thames e Vaisman-Tzachor (2009), os jovens são conduzidos a procurar um grupo com quem se identifiquem de forma a criarem uma ligação próxima, tornando-se, assim, vulneráveis à influência do grupo. Dessa forma, seja por envolvimento com pares que apresentam comportamentos desviantes, seja pela vulnerabilidade à influência de forma a serem aceites pelo grupo, os jovens tendem a adquirir os comportamentos que vão ao encontro do grupo no qual estão integrados.

Conclusões

Neste estudo, foi possível concluir que os jovens destacam como importante para a inibição de comportamentos desviantes o suporte e a supervisão por parte da família. Nas suas narrativas foi sublinhada a relevância do apoio familiar, da comunicação positiva com os pais, da confiança depositada neles pela família, da segurança que lhes é transmitida através de uma boa relação familiar, assim como, da imposição de regras e supervisão dos seus comportamentos e rotinas. O grupo de pares tende a ser mais associado à promoção de comportamentos desviantes, mas os jovens referiram que os pares podem ter também um papel importante na inibição de comportamentos desviantes, através de suporte e orientação para comportamentos prossociais.

O estudo evidenciou ainda, que determinadas experiências familiares, como o abandono por parte dos pais, a morte de familiares, o divórcio dos pais e conflitos, violência e familiares com comportamentos desviantes, têm impacto negativo no desenvolvimento e bem-estar psicológico dos jovens. A falta de suporte e de supervisão assim como a falta de afeto e de imposição de regras, associadas a esses eventos, leva, na perspetiva dos jovens, a que se

distanciem da família e procurem ligações próximas e de segurança junto de pares. Como consequência, o envolvimento com pares com comportamentos desviantes pode promover nos jovens a adoção de comportamentos semelhantes para serem aceites num determinado grupo.

Consideramos ser uma mais-valia deste estudo o facto de assentar nas narrativas de jovens. A análise dessas narrativas veio confirmar que as perspetivas dos jovens sobre o papel da família e dos pares nos seus comportamentos desviantes vai ao encontro da literatura já existente, que assenta, essencialmente, em estudos com metodologia quantitativa. Este estudo dá a possibilidade de refletir e adquirir uma visão complementar ao que já se sabia sobre os fatores da família e do grupo de pares que constituem risco ou proteção dos comportamentos desviantes. Constituiu também uma oportunidade para os jovens serem ouvidos e darem um contributo que pode ser muito útil para evitar os rótulos negativos associados à juventude, que tende a ser associada a trajetórias de risco e conflito.

Os comportamentos desviantes associados aos jovens exercem uma preocupação significativa na comunidade. Dessa forma, para prevenir estes comportamentos em determinada fase da vida e, eventualmente, a continuidade dos mesmos ao longo da vida, torna-se imprescindível compreender as causas por detrás desses comportamentos. Como referido por Feijó e Assis (2004), as relações estabelecidas no seio familiar têm uma grande influência nas condutas sociais futuras dos jovens. Posto isto, a família exerce um papel importante na vida dos jovens, na medida em que, deve procurar transmitir determinados valores e regras sociais de forma a que os jovens se adaptem ao meio de forma adequada, adquirindo comportamentos pró-sociais.

Destaco a importância do estudo para os profissionais que trabalham com jovens, pois permite que conheçam melhor não apenas experiências que podem estar associadas a comportamentos desviantes, mas também o modo como os próprios jovens dão significado a essas experiências. Compreender estes significados será fundamental para que os profissionais possam agir no sentido de atenuar o impacto de fatores que promovem os comportamentos desviantes em jovens, e potenciar o impacto de fatores que inibem esses comportamentos.

Referências

Assis, S. G. & Constantino, P. (2005). Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 81-90.

- Blokland, A. A., & Nieuwbeerta, P. (2010). Life course criminology. *International handbook of criminology*, 51-94.
- Carvalho, M. J. L. (2005). Jovens, Espaços, Trajectórias e Delinquências. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 71-93.
- Carvalho, M. C. N., & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 22(3), 263-275.
- Casaca, F. F. D. M. (2009). *A influência da família, do grupo de pares e da escola nos comportamentos desviantes*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.
- Castro, A. M. F. M. & Teodoro, M. L. M. (2014). Relações familiares de adolescentes cumprindo medida socioeducativa restritiva de liberdade: uma revisão narrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(1), 1-12.
- Costa, C. R. B. S. F., Assis, S. G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 74-81.
- Costa, V. S. (2011). *Grupo de pares e delinquência juvenil: influência dos pares delinquentes na adolescência*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Cullen, F. T., Benson, M. L., & Makarios, M. D. (2012). Developmental and life-course theories of offending. *The Oxford handbook of crime prevention*, 23-45.
- Cunha, C., Soares, M., Veríssimo, L., & Matos, R. (2015). Família, Pares e Delinquência juvenil: Análise de diferentes percursos de reincidência. *Revista de Psicologia*, 24(2).
- Dias, C., Monteiro, N. R. O., Farias, M. A. (2014). Comportamentos antissociais e delitivos em adolescentes. *Aletheia*, 45, 101-113.
- Feijó, M. C., & Assis, S. G. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 157-166.
- Fernandes, I. A. S. (2012). *Delinquência juvenil: Vinculação aos pais e educação parental*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Ferreira, N. (2014). *Grupo de pares, factores de vulnerabilidade e inserção em "gangues"*. Tese de licenciatura, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

- Formiga, N., Aguiar, M. & Omar, A. (2008) Busca de sensação e condutas antissociais e delitivas em jovens. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(4), 668-681.
- Frydenberg, E. (2008). *Adolescent Coping*. New York: Psychology Press.
- Gallo, A. E., & Williams, L. C. A. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e prática*, 7(1), 81-95.
- Gomes, S. P. M. (2016). *A Influência dos pares no comportamento delinvente dos jovens: Dados do ISRD-3*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Henry, D. B. (2000). Peer groups, families, and school failure among urban children: elements of risk and successful interventions. *Preventing School Failure*, 44(3), 97-104.
- Le Blanc, M. (1999). L'évolution de la violence chez les adolescents québécois: phénomène et prevention. *Criminologie*, 32(1), 161-194.
- Matos, R., Martins, F., Carneiro, A., Campos, L., Ribeiro, L., & Negrão, M. (2018). *Young people with paths of psychosocial risk and deviant behaviour* (case study report). Porto: CEDH – Research Centre for Human Development, Universidade Católica Portuguesa.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Moffitt, T. E. (2018). Male antisocial behaviour in adolescence and beyond. *Nature Human Behaviour*, 2(3), 177-186.
- Morgado, A. M., & Dias, M. D. L. V. (2016). Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(1), 15-22.
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Delinquência juvenil: uma revisão teórica. *Acta Colombiana de Psicología*, 13(2), 69-77.
- Pais, M. F. X. (2012). *Delinquência juvenil: Ausência de vínculos e adopção de comportamentos desviantes*. Tese de licenciatura, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Paula, C. S. P. (2016). *Relação entre exposição a comportamentos desviantes e delinquência juvenil*. Tese de licenciatura, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

- Rijo, D., Brazão, N., Silva, D. R., & Vagos, P. (2017). *Intervenção psicológica com jovens agressores*. PACTOR: Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Sampaio, M. B. G. (2010). *O outro lado da vida: Delinquência juvenil e Justiça*. Dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto, Portugal.
- Santo, A. L. C. E. (2014). *Jovens e Comportamentos Delinquentes: “Ponte” - Programa de Prevenção Face à Recidiva*. Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.
- Saud, L. F., & Tonelotto, J. M. D. F. (2005). Comportamento social na escola: diferenças entre gêneros e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 47-57.
- Simões, M. C. R. (2005). *Comportamentos de risco na adolescência*. Tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Sistema de Segurança Interna. (2019). Relatório Anual de Segurança Interna 2018. Disponível em: <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=ad5cfe37-0d52-412e-83fb-7f098448dba7>
- Sousa, G. M. (2017). *Perceções de jovens ofensores sobre suas trajetórias na delinquência juvenil*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Vaz, M. S. S. F. (2011). *Vinculação à mãe, ao pai e ao grupo de pares e sua relação com a delinquência juvenil*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

Anexos

Tabelas de categorização

Categorias	Frequência		Exemplos de referências
	Jovens	Referências	
Fatores Inibidores			
1. Suporte	19	47	
1.1. Suporte da família	15	30	
1.1.1. Apoio familiar	12	18	<i>“Eu gosto de fato de ter a ajuda da minha mãe para tudo, o apoio dela para tudo. Tenho alguma liberdade, mas também porque a minha mãe confia em mim e isso é bom.” (Luísa)</i>
1.1.2. Dinâmicas relacionais positivas na família	8	12	<i>“O meu pai até pode estar aqui assim duas três horas a falar comigo.” (Andreia)</i>
1.2. Suporte dos amigos/pares	11	17	
1.2.1. Suporte dos amigos com comportamentos normativos	5	6	<i>“Eu falo pelos meus amigos que eu tenho, muita gente gostava de ter os amigos que eu tenho. Não fazem nada, não vendem droga, não fazem asneiras. Não fazem nada de nada. Tem a escola. Estamos lá no nosso sítio onde nós paramos sempre e não fazemos nada de mais. E dantes eu não parava com estes amigos meus.” (Francisco)</i>
1.2.2. Apoio/valorização por parte dos amigos	7	11	<i>“Dão-me mais para a frente, e a mim isso, sobe-me a autoestima, não é? E faz-me ver melhor a mim mesmo. Tás a conseguir, tens pessoas que te querem bem, já tens algo para te pegares a ti mesmo e seguir para a frente. Tipo.” (José)</i>
2. Supervisão	9	13	
2.1. Supervisão/orientação familiar	6	8	<i>“Mas tive a sorte de ter uma irmã que pusesse pulso em mim. Muitos não tiveram pulso e estão onde estão, ou presos, ou em colégios, ou instituições, e sem sítio para estar. E eu tive a sorte da minha irmã chegar à minha eira e ‘ó, e quê, queres ser como eles, não sei quê?, queres ir preso?, queres ir para um colégio interno?, então vê se metes tininho na cabeça que senão não vais a lado nenhum. Homem que é homem não faz essas tangas, não sei quê’.” (Nelson).</i>
2.2. Supervisão/orientação por parte dos amigos	5	5	<i>“Mas também já tive amigos que me tentaram tirar das asneiras.” (Xavier)</i>
3. Modelo	3	5	
3.1. Modelo a seguir	2	2	<i>“Tive um tio que foi para lá e mudou a sua vida e eu gostava de ter uma vida como à dele. E mudou muito porque foi trabalhar para fora, porque ele aqui não era nada. E foi trabalhar arranjou uma família, casou e dantes nem dinheiro para mandar cantar um cego tinha. E foi uma inspiração, foi mesmo a minha inspiração.” (Francisco)</i>
3.2. Ser modelo	2	3	<i>“Eu cresci sem o meu pai e foi uma coisa que me tocou e não queria mesmo que acontecesse o mesmo ao meu filho.” (Francisco).</i>

Categorias	Frequência		Exemplos de referências
	Jovens	Referências	
Fatores Potenciadores			
1. Fatores Contextuais da família	13	19	
1.1. Acontecimentos familiares significativos	7	12	<i>“Nós nunca tivemos assim muita ligação, ele abandonou-me quando eu era pequenina, então andei em psicólogos...” (Telma).</i>
1.2. Conflitos, violência e instabilidade	11	17	
1.2.1. Problemas genéricos no contexto familiar	6	7	<i>“Não sei, acho que piores problemas que se pode ter é problemas em casa, eu acho. Porque com amigos também afeta, sim, mas não tanto, problemas com a família é muito pior, porque amigos temos mais e família só temos mesmo aquela. E eu acho que principalmente é isso, é problemas em família e assim, com pais principalmente.” (Luísa).</i>
1.2.2. Violência no seio familiar	3	3	<i>“Se calhar em casa tens a mãe e o pai à porrada, chegas aqui, vais levar aquele carinho que não recebeste em casa da tua mãe” (Marco)</i>
1.2.3. Familiares com comportamentos desviantes/em conflito com a lei	4	5	<i>“Ele, prontos, foi preso. É uma infelicidade, é um desgosto.” (Francisco)</i>
1.2.4. Violência/conflitos em relação de intimidade	2	2	<i>“E ãh ... como é que eu hei de lhe explicar ele também me influenciava a sair um bocadinho percebe? E também tinha muitos problemas com ele porque ele batia-me e tudo entende?” (Andreia).</i>
2. Falta de supervisão parental	7	8	<i>“a minha mãe estava-se a cagar para mim, então eu ia para a rua e ela não queria saber a que horas eu chegava a casa, quando eu morava com ela.” (Edgar)</i>
3. Falta de suporte parental	7	9	<i>“Não terem uns pais que lhes agarrem, que lhe deem carinho ... que num conseguem dizer não. Eu tou a falar por mim.” (Hélder).</i>
4. Identificação com pares desviantes e afiliação a grupos desviantes	12	20	
4.1. Influência de pares com comportamentos desajustados	9	16	
4.1.1. Pares com comportamentos desviantes	6	10	<i>“E eu juntei-me a outras pessoas, comecei a ir para outros lados, conhecer pessoas diferentes, a ganhar hábitos diferentes. Como eu hoje de manhã acordei a pensar tenho fome. Eu dantes acordava a pensar tenho que ir roubar.” (Francisco).</i>
4.1.2. Jovens influenciados pelos outros	5	6	<i>“Não sei, eu era muito influenciável, e isso não me ajudou nada, eu fazia muito o que eles faziam e prejudicou-me muito, mesmo.” (Luísa).</i>
4.2. Procura de aceitação/integração no grupo	4	4	<i>“e também porque são influenciados porque se tiver um grupo imagine nós tamos aqui muitas pessoas, vocês tão todos a fazer uma coisa, se eu não fizer vou ser gozada” (Andreia).</i>